

ANA CRISTINA PEREIRA DE ASSIS SOARES



CONSTRUINDO CONHECIMENTOS EM ARTES VISUAIS

GOVERNADOR VALADARES

2011

ANA CRISTINA PEREIRA DE ASSIS SOARES

CONSTRUINDO CONHECIMENTOS EM ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a) Maria Luiza Dias Viana

GOVERNADOR VALADARES

2011

Soares, Ana Cristina Pereira de Assis.

Construindo conhecimentos em Artes Visuais:
Especialização Em Ensino de Artes Visuais /Ana Cristina
Pereira de Assis Soares - 2011

50 f.

Orientador (a): Maria Luiza Dias Viana

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de
especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Maria Luiza Dias Viana)
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas
Artes III.Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais

Monografia intitulada “*Construindo conhecimentos em Artes Visuais*” Ana Cristina Pereira de Assis Soares, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador(a): Maria Luiza Dias Viana – EBA/UFMG

Maria Luiza Dias Viana – EBA/UFMG

Rodrigo Borges Coelho – EBA/UFMG

Governador Valadares, 8 de outubro de 2011

DEDICATÓRIA

Este estudo é dedicado a todos os meus queridos alunos do CCEM, escola querida em que me formei, e onde fui arte-educadora por três anos. Saudades de todos vocês, pra sempre...

AGRADECIMENTOS

A Deus o meu louvor pelo seu amor que me permitiu chegar até aqui. Ao meu marido Gilcemar e minhas filhas Mariana e Hannah pelas orações, sorrisos, paciência, incentivo e pelo amor que foi a força motriz a me sustentar até o fim. Aos meus pais e minhas irmãs, pelas orações e pelo incentivo dispensados a mim. À minha sobrinha Rebecah pela força e sábios conselhos. À querida prima Vera Márcia pelo incentivo, ajuda e pelo carinho dedicados a mim.

A vocês, nossos mestres: Valério, Elias, Hednamar, Alvaro e Maria Luiza, que mesmo conscientes de nossas limitações, sempre buscaram despertar em nós o desejo do conhecimento, e nos ajudaram a contornar os obstáculos, contribuindo assim para o nosso amadurecimento. A todos vocês o meu respeito e agradecimento, pois ser mestre não é apenas ministrar o ensino as teorias e as técnicas, mas é ser instrutor e amigo, é caminhar lado a lado, permanecendo junto com o aluno até que este alcance o seu objetivo. Obrigada a todos vocês que caminharam comigo.

A todos os queridos colegas que hoje tornaram-se meus amigos, muito obrigada por me receberem em sua cidade com carinho e atenção, especialmente ao Adriano e a Rose, por se fazerem presentes no momento mais difícil que enfrentei nesses quase dois anos de indas e vindas de Muriaé à Governador Valadares.

À querida e inesquecível mestre Adriana Magro, que me recebeu prontamente e me auxiliou num momento em que eu me encontrava totalmente perdida, guiando-me até a um porto seguro. Dizer muito obrigada a você, é muito pouco diante do que sua ajuda representou para mim.

Aos funcionários do pólo de Governador Valadares o meu reconhecimento e minha gratidão, por me receberem com carinho e sorrisos sempre.

“O ensino de arte vai aos poucos, deixando de ser uma mera atividade auxiliar e-ou recreativa e passando a ser compreendido como um processo de construção de conhecimento, e a arte, uma área do conhecimento humano, um campo de estudos específicos, com história e conteúdos próprios”.

Carmem Lúcia A. Biasoli

RESUMO

Este trabalho propõe um estudo sobre o ensino de Artes visuais como área de conhecimento. Para isto, recorre a um percurso histórico sobre o Ensino de Arte, desde a chegada da Missão Francesa no Brasil, até os dias atuais e a uma experiência vivenciada numa turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede privada de ensino, na cidade de Muriaé, no estado de Minas Gerais. O objeto deste trabalho partiu da leitura de obras da artista Tarsila do Amaral e do contexto da sua obra no que se refere a aspectos da cultura brasileira.

Palavras-chave: Ensino, arte, conhecimento, modernismo, forma, cor, pintura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
-----------------	---

CAPÍTULO 1

1. UM RELATO HISTÓRICO SOBRE O ENSINO FORMAL DE ARTES VISUAIS NO BRASIL	11
1.1 O SÉCULO XX E A INFLUÊNCIA AMERICANA.....	13
1.2 ANOS 30 E A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO NOVA ESCOLA	16
1.3 AS MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DO ENSINO DA ARTE A PARTIR DA DÉCADA DE 70	17
1.4 MUDANÇAS CONTEMPORÂNEAS NO ENSINO DA ARTE E SUA DEFESA COMO ÁREA DE CONHECIMENTO	18
1.5 A PROPOSTA TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA	19

CAPÍTULO 2

2. A PRÁTICA DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA: A ARTE COMO CAMPO DE CONHECIMENTO	20
2.1 O MODERNISMO NO BRASIL	22
2.2 A RELEITURA E SEUS SIGNIFICADOS NA PRÁTICA DO ENSINO DA ARTE	23
2.3 DESCREVENDO MINHA PRÁTICA EM SALA DE AULA – A SEMANA DE 22 NO BRASIL	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta um breve histórico sobre o ensino de Artes Visuais no Brasil e traz reflexões de caráter social e cultural que este ensino sofreu desde a sua implantação. Examina também as influências estrangeiras no ensino da Arte no Brasil. apresenta algumas análises fundamentadas nos PCNs (Parâmetros curriculares Nacionais) de Arte e em citações de Ana Mae Barbosa, Abílio César Borges, Fernando Azevedo, Irene Tourinho sobre a importância das Artes Visuais como área de conhecimento.

A arte Brasileira foi referência para este estudo com o intuito de colocar à tona a discussão da cultura nacional em relação à cultura importada. Não no sentido de pensar uma concorrência, entre ambas, mas de se pensar a arte brasileira como uma junção de influências de várias outras culturas estrangeiras. Não há neste estudo, a intenção de se buscar o caráter genuíno da arte brasileira, mas de entender alguns contextos nas quais ela foi se afirmando. É importante ressaltar que a abordagem do ensino de arte neste estudo, trata das questões da cópia, da legitimidade e da originalidade numa abordagem teórica e também a partir de uma vivência em sala de aula. A artista escolhida para este trabalho foi Tarsila do Amaral pelo seu destaque no Movimento Modernista no Brasil, e por possuir obras que considero, trazerem elementos básicos para o aprendizado em Artes Visuais como: cor, massa, volume, composição, equilíbrio e simetria, e também por ser uma artista cuja obra revela aspectos da cultura brasileira.

O presente estudo é apresentado em dois capítulos.

O primeiro capítulo apresenta um breve relato sobre a história do ensino das Artes Visuais no Brasil desde a chegada da Missão Francesa, até a contemporaneidade. Este capítulo também relata como as Artes Visuais eram consideradas nos séculos XIX e XX apresentando os valores atribuídos ao ensino formal das mesmas e ainda qual é a concepção dada a eles neste início do século XXI.

No segundo capítulo relato a minha prática, enquanto arte-educadora, através de relatos de duas aulas por mim ministradas numa turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

Nas considerações finais, apresento os resultados de minha experiência, a partir das reflexões dos alunos sobre as atividades propostas, reafirmando as Artes Visuais como área de conhecimento.

CAPÍTULO 1

1. UM RELATO HISTÓRICO SOBRE O ENSINO FORMAL DE ARTES VISUAIS NO BRASIL

Ao longo de sua história, o Brasil recebeu um grande número de imigrantes oriundos de vários países tais como: Portugal, Espanha, Japão, África, Itália, países Árabes dentre outros, que consigo, trouxeram todos os tipos de saberes, crenças, costumes, valores e pensamentos. Estas influências de culturas diversas e plurais que o Brasil recebeu, foram absorvidas e a partir delas pode-se dizer que se faz a cultura brasileira.

A história do Ensino formal de Arte no Brasil se insere neste contexto, pois surge a partir da influência da Missão Artística Francesa, trazida por Dom João VI no ano de 1816, após sua fuga com sua família de Portugal, por temer o Imperador Napoleão Bonaparte e seu exército.

Em 26 de março de 1816 chega ao Rio de Janeiro um grupo de artistas franceses, liderados por Joachim Lebreton (1760-1819), secretário recém-destituído do *Institut de France*. Os artistas que faziam parte desse grupo eram os pintores Jean-Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay, os escultores Auguste Marie Taunay, Marc e Zéphirin Ferrez e o arquiteto Grandjean de Montigny. Esse grupo de artistas franceses foi incumbido de criar uma escola de Arte e de ensinar na mesma. Então foi criada a Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil. Depois de ter seu nome mudado por quatro vezes e após a proclamação da República, recebeu o nome de Escola Nacional de Belas-Artes. (BARBOSA. 1978, p.17)

Na Missão Artística Francesa o desenho tinha grande destaque, e nesta escola, o que se valorizava era a cópia fiel dos objetos que se queria retratar a partir de modelos clássicos gregos, romanos e europeus. (BARBOSA, 1978, p.24)

Em 1817, foram criados cursos de desenho técnico em Vila Rica e na Bahia, e em 1818 no Rio de Janeiro. Esses cursos não tiveram muito sucesso.

No ano de 1855, Araújo Porto Alegre ao ocupar a diretoria da Academia Imperial de Belas Artes, tentou instituir uma ligação entre a cultura de elite e a

cultura de massa. Ele tinha a intenção de conjugar duas classes de alunos na mesma Academia, os artesãos e os artistas. Estes frequentariam as mesmas disciplinas básicas. (BARBOSA, 1978, p.28).

A aula de Desenho Geométrico será dividida em duas séries, a primeira complementar da cadeira de Matemática (frequentada por todos os alunos) e a segunda de aplicações do mesmo desenho à indústria, conforme a profissão ou destino dos alunos. (BARBOSA, 1978, p.28)

O ensino do desenho na primeira série na reforma de Araújo Porto continuou utilizando o método trazido pela pedagogia neoclássica que era a cópia de estampas.

Já o ensino da pintura continuou com os princípios neoclássicos trazidos pelos mestres franceses, porém com um pouco menos de rigidez. (BARBOSA, 1978, p.29)

Em 1856 foi criado o Liceu de Artes e ofícios, este, tinha como finalidade, garantir a educação fundamental e o ensino profissionalizante para a população operária e de adultos, visando à formação de trabalhadores para a construção civil e de operários em geral. (BARBOSA, 1978, p.30)

No ano de 1860, foram criados na Academia cursos noturnos para a formação de artesãos. Este ensino foi tornando-se tão simplificado que foi reduzido a um mero treinamento profissional, sendo eliminados deste ensino, os estudos preparatórios.

Após o golpe militar de 1889, coube a Benjamim Constant, ministro do recém-criado Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, a responsabilidade de elaborar a primeira reforma educacional republicana denominada Reforma Benjamim Constant, aprovada em vinte e dois de novembro de 1890 pelo Decreto-Lei n.1075 atingindo todas as instituições de ensino no país. (BARBOSA, 1978, p. 65,66)

Dentro do positivismo, a Arte era encarada como um veículo muito poderoso para desenvolver-se o raciocínio desde que esta fosse ensinada pelo método positivo e que obedecesse a imaginação à observação, identificando as leis que regem a forma. O desenho passou a ser largamente utilizado como um recurso para ativar o método que daria objetividade ao ensino. (BARBOSA, 1978, p.67)

No positivismo o ensino do desenho, estava presente no currículo apenas por possíveis contribuições que pudesse oferecer ao estudo da ciência. O principal objetivo do ensino da Arte na infância era preparar as crianças para a formação científica. Seria um disciplinamento mental por uma metodologia que tinha sua base na estética. (BARBOSA, 1978, p. 69)

Após receber inúmeras críticas, e para que o ensino do desenho na escola primária fosse estético, voltou a basear-se na cópia. (BARBOSA, 1978, p. 70)

Após a morte de Benjamim Constant, sua Reforma sofreu várias mudanças configuradas no Código de Fernando Lobo, que vigorou de 1892 a 1899. Nesta nova lei o currículo passou a dirigir-se à preparação do aluno para o seu ingresso na escola superior e limitou-se a objetivos exclusivamente formativos do desenvolvimento do raciocínio. A geometria tornou-se matéria de exame exigida para que se pudesse ingressar nas faculdades, e na medida em que o conteúdo do Desenho era geometrizado, maior importância dava-se a ele. (BARBOSA, 1978, p. 73,74)

1.1 O SÉCULO XX E A INFLUÊNCIA AMERICANA

O ensino da Arte no século XX começa com a valorização da mesma, e também com a afirmação da importância do ensino do desenho como linguagem técnica e científica. (BARBOSA, 1978, p. 29, 30)

No início do século XX, o Brasil desfrutou das ideias filosóficas, políticas, pedagógicas e estéticas, que serviram de base para o movimento republicano de 1889, que influenciaram também, em mudanças nos objetivos do ensino da Arte na escola primária e secundária. A responsabilidade por estas mudanças poderia resumir-se tão-somente à chegada do pintor expressionista Lasar Segall, no ano de 1913; ao artigo escrito por Oswald de Andrade e publicado no ano de 1917 “Em prol de uma Arte Nacional”; e também ainda neste mesmo ano, à exposição de Anita Malfatti artista expressionista brasileira. (BARBOSA, 1978, p.31,32).

Esses acontecimentos não ocorreram somente no campo do ensino da Arte, mas também no campo da cultura em geral no Brasil.

Neste novo século, o ensino da Arte, dava ênfase ao ensino do desenho e também à sua inclusão no currículo das escolas primárias e secundárias, pois o consideravam mais uma forma de escrita do que propriamente seu caráter

plástico. No ensino secundário e primário, foi tentada uma articulação entre essas duas correntes: o positivismo e o liberalismo, no período de 1901 a 1910. (BARBOSA, 1978, p.77)

Em 1909, nos Liceus de Artes e Ofícios ensinava-se o desenho geométrico, o de figura, o de máquinas, o de arquitetura civil, o de arquitetura naval e o desenho de ornatos. Na Escola de Belas-Artes, a arte decorativa continuou ligada ao ornato. (BARBOSA, 1978, p.81)

No ano de 1911 aconteceu uma nova Reforma educacional, designada como Lei Rivadávia Correa (Decreto. n. 8659). Esta lei determinou a autonomia didática e administrativa na Educação, cessando a intervenção do governo na mesma.

No ano de 1915, aconteceu a Reforma Carlos Maximiliano que restabeleceu ao Estado a responsabilidade da ação fiscalizadora legítima do governo federal sobre o ensino secundário e superior. (BARBOSA, 1978, p.86).

Assim os brasileiros tentavam vencer o preconceito contra o ensino do desenho, buscando valorizá-lo, afirmando sua equivalência funcional com a escrita. Rui Barbosa na época, afirma o seguinte em relação ao ensino do desenho:

Não percebem que, pela simplicidade das suas aplicações elementares ele (o desenho) tem precedência à própria escrita e que as aptidões naturais de que depende seu estudo são comuns a todos os entendimentos, e de uma vivacidade particularmente ativa nos primeiros dias da existência humana. (BARBOSA, Rui 1947, p.108)

Abílio César Borges também afirmava o mesmo em relação ao ato de desenhar:

Cousa singular. Não há menino que não tente desenhar as ideias que lhe passam pelo tenro cérebro. Essas ideias são rabiscadas com um descaso ingênuo, que atesta uma tendência real e uma necessidade natural, que a educação deveria devolver em vez de sufocar como infelizmente acontece na maior parte dos casos. (BORGES, 1959, p. 13.)

Os liberais lutavam a favor da revolução industrial, a partir do ensino do desenho. Eles acreditavam que o crescimento econômico do país ocorreria a

partir da capacitação profissional dos cidadãos. Rui Barbosa afirma essa ideia em sua Reforma do Ensino secundário e superior

O ensino do desenho, a sua popularização, a sua adaptação aos fins da indústria tem sido o principal motor da prosperidade do trabalho em todos os países já iniciados na imensa liça, em que se têm assinalado a Inglaterra, os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Bélgica, a Holanda e a Itália. (BARBOSA, Rui, 1882 p. 166)

Segundo Ana Mae Barbosa, (1978) em seu livro Arte-Educação no Brasil, era assim que Rui Barbosa se expressava através dos Pareceres dele sobre a Reforma do Ensino Secundário e Superior (1822) e sobre a Reforma do Ensino Primário (1883) de Leôncio de Carvalho, que foram apresentados por ele ao parlamento. Estes projetos eram muito mais que pareceres, estes representavam novos projetos para a Educação Brasileira e eram muito bem fundamentados teoricamente, e estavam em perfeita harmonia com as mais modernas concepções e técnicas pedagógicas da época.

Todos os trabalhos de Rui Barbosa sobre educação foram resultado de sua ação política.

De acordo com Ana Mae (1978), Rui Barbosa é considerado um dos mais fiéis intérpretes da corrente liberal brasileira. Para ele, a educação em Arte seria uma das bases mais sólidas para a educação popular. Nos Estados Unidos a introdução do desenho geométrico nas escolas, já havia demonstrado um enorme sucesso. Por conhecer o grande sucesso dos cursos secundários americanos que possuíam o ensino do desenho geométrico em sua grade curricular, é que Rui Barbosa pretendia implantar no Brasil o modelo americano de ensino de Arte, justificando a sua medida baseado em trechos do americano Walter Smith sobre o ensino secundário.

Segundo Ana Mae (1978, p. 56), Rui Barbosa afirmava que a importância do desenho como disciplina inseparável da escola popular é uma das forças “mais poderosas para a fecundação do trabalho, e o engrandecimento da riqueza dos Estados”. (BARBOSA, Rui, 1882, p.209) Embora os Pareceres de Rui Barbosa reforçassem a ideia do ensino do desenho com fins industriais, a estes foram acrescentadas outras fontes bibliográficas além dos livros de Walter Smith e por

reflexões articuladoras dos princípios da Pedagogia intuitiva que era a orientadora de todo o sistema de ensino primário proposto por Rui Barbosa.

Para Rui Barbosa, o desenho deveria ocupar um lugar de destaque no Ensino Primário, até mesmo quantitativamente. Ao ensino do desenho, Rui Barbosa dedicou 90 páginas. Nenhum projeto de lei até hoje concedeu mais de 50 linhas ao ensino da Arte ou do desenho. Essa lei continuou na escola oficial até o ano de 1948. (BARBOSA, 1978, p.58)

No Brasil o reconhecimento dos valores estéticos da Arte ligados ao espontaneísmo, só ocorreu com a inclusão da cultura brasileira nas correntes expressionistas, futurista e dadaísta da Arte contemporânea, através da Semana de Arte Moderna de 1922 (também chamada de Semana se 22), em São Paulo. (BARBOSA, 1978, p. 112)

1.2 ANOS 30 E A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO ESCOLA NOVA

A década de 30 trouxe para o Brasil junto com a democratização política um novo movimento que traria uma renovação para a Educação denominada “Escola Nova”. Este movimento, o “MEN” teve no filósofo John Dewey a sua inspiração. (AZEVEDO, 2000, p. 37)

O norte americano John Dewey foi um filósofo, cujo conceito de experiência articulou toda a sua obra filosófica sobre a Arte. Para Dewey, era a qualidade estética que unificava a experiência enquanto reflexão. Para ele a qualidade estética de uma experiência de qualquer natureza é a culminância de um processo. (AZEVEDO, 2000, p.35, 37)

Os ideais da “Escola Nova” foram trazidos ao Brasil por dois educadores chamados Nereu Sampaio e Anísio Teixeira. (BARBOSA, 1998, p.24)

As ideias do Movimento Escola Nova, eram contrárias ao modelo pedagógico tradicional. Este movimento nas discussões sobre a educação da época defendia a criança sob uma nova concepção. Conforme citação a seguir:

[...] nela a criança não era pensada como miniatura de adulto, mas deveria ser valorizada e respeitada em seu próprio contexto com sua forma peculiar de pensar\agir no mundo, possuindo uma capacidade expressiva original, comunicando-se por meio de seu gesto-traço, seu gesto-teatral e seu gesto-sonoro. (AZEVEDO, 2000, p.37)

Os estudos de Herbert Read, principalmente os estudos desenvolvidos em seu livro: “A Educação Através da Arte” (1982) e também os estudos de Viktor Lowenfeld, em sua obra: “Desenvolvimento da Capacidade Criadora”, (1977), foram os responsáveis pelas bases conceituais do Movimento Escola Nova. O ensino da arte modernista teve uma trajetória de aproximadamente 57 anos (1914-1971). (LOWENFELD, 1977).

1.3 AS MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DO ENSINO DA ARTE A PARTIR DA DÉCADA DE 1970

No dia 11 de agosto de 1971, a lei 5692/71, foi sancionada pelo Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, que trouxe a reforma para o ensino primário e médio. (JUREMA, 1972)

No ano de 1971, a partir da Lei nº 5.692, foi criada a componente curricular Educação Artística. Esta Lei determinava que o conteúdo de música, teatro, dança e artes plásticas, fossem ensinados nos cursos de 1º e 2º graus. (Brasil. PCN. Brasília, 1997, p. 24)

No final dos anos 1980, mesmo que ainda não fosse uma realidade na maioria das escolas, começaram a surgir experiências que consideravam a leitura da produção e a contextualização nos trabalhos dos alunos. (Brasil. PCN. Brasília. p. 25)

Foram estes os acontecimentos, descritos aqui de forma reduzida e sucinta, que prepararam o longo caminho percorrido pelo Ensino de Arte desde as influências do liberalismo do século XIX, passando pela Arte Moderna em 1922 e suas primeiras manifestações, até os anos 80.

1.4 MUDANÇAS CONTEMPORÂNEAS NO ENSINO DA ARTE E SUA DEFESA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO

A defesa do ensino da Arte na escola como campo de conhecimento, já possuiu vários argumentos, como afirma Irene Tourinho no livro organizado pela pesquisadora Ana Mae Barbosa (2003), porém a maioria deles não deu atenção aos processos que abrangem a atividade artística (criar,

perceber e interpretar), seus produtos suas ações e reflexões. A Arte precisa ocupar o seu lugar como disciplina capaz de educar para a cidadania e de fornecer o ensino de valores estéticos tão importantes para a formação do sujeito. Esse distanciamento do verdadeiro papel e valor do ensino da Arte despojou o seu ensino da reflexão, da crítica e também da compreensão histórica, social e cultural dentro do seu contexto social de ensino.

Foi aprovada no dia 20 de dezembro de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), no 2º parágrafo do artigo 26: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), a Arte deve ser tratada como conhecimento, pois ela é um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, por isso constitui-se num patrimônio cultural da humanidade e, portanto, todos os seres humanos têm direito ao acesso a esse saber.

Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Arte possui uma atribuição dentro do ensino tão importante quanto todos os demais conhecimentos nos processos de ensino e aprendizagem. (Brasil. PCN. Brasília, p.29)

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (Brasil. PCN. Brasília, p.19)

As concepções do ensino de arte hoje incluem compreender a arte não somente como livre expressão, já não se trata de considerar que todos os indivíduos sejam artistas, isto não é relevante, o que importa é que todos tenham direito a produção e a fruição em arte com qualidade. Disponibilizar o acesso e democratizar a arte e seus pressupostos tem sido a tônica dos novos currículos de arte em todas as modalidades de ensino.

1.5 A PROPOSTA TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA

(...) um currículo interligando o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estariam se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 1991, p. 35)

Ana Mae (1998) afirma que a Proposta Triangular surgiu de uma necessidade percebida por ela de uma proposta para o ensino de Arte que permitisse um diálogo entre o discurso da pós-modernidade global, com o processo consciente da diversidade cultural pós-moderna.

Segundo ela, esta proposta se baseia em três diferentes questões que envolvem o ensino de arte, e que fomentam a construção do conhecimento que são: a contextualização histórica, o fazer artístico e a apreciação artística.

Ana Mae (1998) afirma que hoje a pergunta a se fazer, não é mais o que o artista quis dizer com sua obra, mas o que a obra daquele artista tem para dizer, tanto no momento presente no contexto histórico e social de quem a contempla.

Pela vertente da História da Arte, compreende-se a contextualização da obra no tempo e a exploração das circunstâncias em que foi produzida. Objetiva-se que o aluno compreenda que Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que operam na sociedade. (BARBOSA, 1991, p. 19)

Quem ainda encara o Ensino da Arte somente como divertimento, sensibilidade, participação em comemoração a datas especiais, festas folclóricas, relaxamento e outras necessidades que aparecem no dia-a-dia desconhece o verdadeiro significado do fazer artístico e também do aprendizado efetivo que o Ensino da Arte pode acrescentar ao aluno.

CAPÍTULO 2

2. A PRÁTICA DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA: A ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez de relacionar, configurar, significar. (OSTROWER, 1991. p.9).

Sou arte-educadora no Ensino Fundamental Centro Cenecista Educacional de Muriaé, uma escola da rede privada de Muriaé, na cidade de Muriaé, no estado de Minas Gerais. Enquanto arte-educadora, sempre me preocupei em contemplar em minhas aulas a arte como área de conhecimento, pois por inúmeras vezes ouvi muitos alunos, tratarem as aulas de Arte com desprezo, como a disciplina “que nunca reprova”, e que é fácil.

Para meu estudo, escolhi a turma do 5º ano do Ensino Fundamental, formada por 20 alunos com idade entre nove e dez anos. O projeto desenvolvido com essa turma ocorreu no ano de 2010.

2.1. O MODERNISMO NO BRASIL

Segundo Ana Mae (1978) o Modernismo envolveu um conjunto de movimentos de vanguarda de Arte que teve seu surgimento no início do século XX na Europa que rompeu com padrões rígidos e decidiu por uma criação mais livre.

As vanguardas modernistas rejeitaram as convenções artísticas clássicas, baseadas na representação realista.

O modernismo no Brasil foi um movimento cultural que envolveu as artes plásticas, a literatura, o cinema e a música. Este movimento refletiu de forma muito intensa sobre o cenário artístico e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX.

Escolhi para estudar com meus alunos o Movimento Modernista, mais especificamente a Semana de Arte Moderna que ocorreu no Brasil que é também conhecida como a Semana de 22.

No Brasil o modernismo teve o seu impulso inicial na década de 20 e teve sua origem na absorção de tendências culturais e artísticas apresentadas pelas vanguardas europeias, antes do início da Primeira Guerra Mundial em 1914.

De acordo com a página eletrônica do Itaú cultural disponível na internet sobre o Modernismo, esse movimento baseou-se no cubismo e no futurismo e nas principais correntes européias que foram chamadas de vanguardas artísticas, uma vez que traziam aspectos inovadores para a arte, fomentando então um forte desejo de mudanças, da abolição de leis antigas e uma busca pelo novo. (ARGAN, 1998)

Segundo a página do Itaú Cultural, disponível na internet sobre o Modernismo no Brasil o marco desse movimento, foi a Semana de Arte Moderna em São Paulo, no ano de 1922. Esse evento foi organizado por um grupo de artistas e intelectuais por ocasião do Centenário da Independência.

O Modernismo destacou-se por defender um novo olhar estético e por assumir o compromisso de proporcionar novos padrões de arte no país. Tornou-se então sinônimo de “estilo novo”.

O Modernismo, segundo a página eletrônica acima citada, manifestou-se em vários estados brasileiros tais como: o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e outros. Foi um fenômeno incontestavelmente urbano e paulista, ligado ao crescimento, à industrialização, à densa imigração de estrangeiros e ao crescimento industrial da cidade de São Paulo. Mesmo tendo sua maior força vinda dos escritores que defendiam a literatura, as bases do Modernismo vieram das artes plásticas. O impulso para a organização do evento veio da pintura, do desempenho de Di Cavalcanti frente aos preparativos para a realização do mesmo, das esculturas de Victor Brecheret, e em especial, da exposição de Anita Malfatti, em 1917.

A semana de 22 traz o legado da liberdade à arte brasileira, os artistas passam a incorporar em suas obras características e elementos visuais próprios da cultura do país.

Tarsila do Amaral não esteve presente no evento da Semana de 22, mas isso não minimiza sua importância no movimento modernista brasileiro. Com sua

experiência adquirida na França, e o aprendizado com André Lhote, Albert Gleizes e Fernand Léger e associados aos temas nacionais, Tarsila produziu sua obra como emblema que representava as preocupações de todo o grupo dos modernistas. (Página eletrônica Itaú Cultural)

Ana Mae (1998) afirma que “Tarsila teve coragem de enfrentar a tarefa de cruzar fronteiras entre sua própria cultura e uma outra cultura”, (1998) e continuar valorizando e defendendo a riqueza da cultura e a qualidade dos artistas e da arte brasileira. E complementa que Tarsila tinha uma incrível consciência cultural, e a oportunidade que ela teve de cruzar fronteiras, perceber novos e diferentes valores, trouxe a ela o desejo de explorar o “diferente” e trazer uma discussão a respeito de temas e assuntos complexos como: Identidade e diferença cultural, passado e presente, inclusão e exclusão, mistura de diferentes raças e o resultado cultural e artístico dessa mistura.

Através de sua arte Tarsila presta uma homenagem não só aos negros brasileiros, como também a toda a nação brasileira, que apesar da grande mistura de raças e de sua pluralidade cultural, constitui um só povo. É muito importante ao indivíduo a posse da consciência cultural, pois ela é capaz de levá-lo além de si mesmo, retornando com novas ideias que o capacitam a revisar valores e também a reconstruí-los. “Quem sou eu não é categoria fixa, depende de quem você é, quem é o outro e onde estamos.” (BARBOSA, 1998, p.73)

A Arte é certamente uma porta, que quando atravessada, apresenta àquele que a adentra, uma infinidade de caminhos que apontam para a conscientização e o respeito às diversidades.

A escolha pelo Modernismo no Brasil aconteceu, porque era assunto que fazia parte do currículo de Arte para o 5º ano do Ensino Fundamental da escola Centro Cenequista Educacional de Muriaé (da rede CNEC: Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), uma escola da rede particular de ensino onde eu trabalhava como arte/educadora. O assunto teria ênfase na Semana de Arte Moderna no Brasil (também chamada de Semana de e em todos os artistas brasileiros que fizeram parte desse movimento tão importante para a cultura e para a Arte brasileira.

A escolha pela artista Tarsila do Amaral se deu, porque ela fez parte do Movimento Modernista que aconteceu no ano de 1922 e foi uma artista com destaque especial dentro do movimento.

2.2 A RELEITURA E SEUS SIGNIFICADOS NA PRÁTICA DO ENSINO DA ARTE

A manifestação artística tem em comum com outras áreas de conhecimento um caráter de busca de sentido, criação, inovação. Essencialmente, por seu ato criador, em qualquer das formas de conhecimento humano, ou em suas conexões, o homem estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, em um constante processo de transformação de si e da realidade circundante. (Brasil. PCN. Brasília, 1997, p. 30)

Quando se fala em “(re)-leitura” facilmente entende-se que se trata de “fazer de novo”, ou “(re)-fazer”.

Uma releitura no ensino da arte, como foi descrito acima, é tornar a fazer, ou fazer de novo, acrescentando peculiaridades ou retirando informações da obra escolhida.

O ato de reler uma obra pode significar conhecer mais à respeito do artista e sobre o contexto histórico em que a obra foi criada. Para realizar uma releitura de determinada obra, é muito importante que o professor ressalte que uma releitura não se trata de fazer uma cópia e menos ainda uma cópia fiel, pois a obra em questão servirá como suporte para a interpretação e não como um modelo para cópia. Se a leitura resultar em uma reprodução da obra, então teremos uma cópia, não uma releitura. Para a função de cópia, já existem outros meios. Fazer uma releitura de uma obra de arte, é como fazer versões diferentes de uma mesma música, é como uma mesma música cantada por vários intérpretes, composta por um único compositor, mas ganhando caras novas, a cada vez que esta é cantada por diferentes cantores.

O professor deverá deixar bem claro aos alunos, o que se pretende com a releitura é uma interpretação crítica da obra escolhida, contextualizando-a com a realidade do aluno que poderá ser realizada das mais diferentes e criativas formas que se possa imaginar. O arte/educador deve orientar o aluno a desenvolver uma interpretação totalmente sua. É necessário que aconteça uma “deconstrução” da obra de arte escolhida, para que surja algo novo.

De acordo com Ana Mae Barbosa (1998) o deconstrucionismo na Arte se dá na dinâmica da leitura da arte, como descreve a seguir:

[...] a mais contundente abordagem contemporânea à leitura da arte é o deconstrucionismo. Trata-se de ver qualquer obra como se se tratasse de um duplo statement: um explícito e outro escondido, que só poderá ser entendido no contexto da diferença, da oposição e do deslocamento daquilo que é manifestadamente central para as margens, para a periferia e vice-versa. (BARBOSA, 1998, p. 49)

A releitura consiste em algo novo, uma nova construção, uma nova representação, uma leitura nova e é este texto novo que traz a diferença entre a cópia e a releitura.

2.3 DESCREVENDO MINHA PRÁTICA EM SALA DE AULA

A SEMANA DE 22 NO BRASIL

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor. (Brasil. PCN. Brasília, 1997, p.19)

Decidi estudar com meus alunos primeiro sobre os artistas que foram responsáveis pela Semana de Arte Moderna em São Paulo em 1922 e depois todo o processo que promoveu e resultou no evento marcante que foi a Semana de 22 no Brasil.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (Brasil. PCN. Brasília, 1997, p.19)

Os objetivos a serem alcançados nesta aula seriam: apresentar aos alunos os motivos que levaram um grupo de amigos artistas a organizar uma semana especialmente dedicada às Artes; levá-los a aprender sobre uma parte da história brasileira em que os artistas usaram seu talento para protestar contra a arte que

se produzia no Brasil que até então era ditada pelos estrangeiros, e que muitas vezes, encontrava-se distante da cultura do nosso país; levá-los a reconhecer cada fase das produções dos artistas, levá-los a valorizar a nossa cultura que é extremamente rica e plural e formada por uma mistura de saberes e culturas trazidas por imigrantes de muitos países diferentes e que constituíram o Brasil.

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. (Brasil. PCN. Brasília, 1997, p.19)

Era necessário também apresentar aos alunos um dos conteúdos gerais mais importantes com referência nos PCNs de Arte que é a observação dos elementos básicos principais presentes na linguagem visual que são: o ponto, a linha e o plano, e em suas articulações nas imagens produzidas e relações entre textura, volume, luz, forma e fundo, movimento e equilíbrio.

Seria também importante através do estudo da observação dos elementos básicos, levá-los ao reconhecimento dos elementos da linguagem visual na representação, na expressão e comunicação através das imagens produzidas pelo desenho e pintura.

A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos. (Brasil. PCN. Brasília, 1997, p.19)

Como o conteúdo desta aula era a obra de Tarsila do Amaral, a Arte Moderna brasileira, suas características, e as diversas fases das obras da artista. Para sensibilizar os alunos, apresentei a eles o convite da Semana de 22, feito por Di Cavalcanti. Após a apresentação, pedi que fizessem cada um a sua própria interpretação do mesmo. Depois projetei a foto que continha o registro dos artistas brasileiros que organizaram e fizeram parte da Semana de 22.

Dividi a turma em quatro grupos de cinco alunos. Como tarefa, pedi a eles escolhessem uma obra de Tarsila e fizessem uma pesquisa em livros ou na internet sobre os elementos básicos da linguagem visual, já citados acima.

Também pedi que cada grupo escolhesse os elementos que encontrassem na pintura e falassem sobre os mesmos.

Grupo I

Obra escolhida: Abaporu

Registro das principais falas dos alunos do grupo I

Débora: *Nós encontramos no sol do Abaporu uma figura geométrica, que é o círculo!*

Débora: *Também, dentro do sol tem vários triângulos como os gomos de uma laranja!*

Yago: *E tem outro círculo dentro do círculo maior!*

Grupo II

Obra escolhida: A lua

Registro das principais falas da apresentação do grupo II

Eduarda. *A gente reparou que nesta pintura tem muitas linhas curvas e algumas parecem ondinhas!*

Marina: *Tem a metade de um círculo em cima do verde do chão! E não tem nenhuma linha plana ou reta. E acho que por serem os desenhos da pintura todos arredondados, parece que tudo lá é fofo, macio!*

Grupo III

Obra escolhida: Urutu

Registro das principais falas da apresentação dos alunos do grupo III

Thiago: *nós reparamos que nela tem linhas curvas, e que Tarsila desenhou o ovo com elas, e tem linhas onduladas e retas também!*

Eduardo: *A gente reparou que nessa pintura tem uns pontinhos de cores mais fortes em alguns lugares. Parece que a luz do sol está refletida nela, e quando a gente olha, parece que é a luz do sol brilhando nela de verdade!*

Grupo IV

Obra escolhida: Palmeiras

Registro das principais falas da apresentação dos alunos do grupo

Cristiane: A gente achou muito bacana esse quadro, porque ele tem uma mistura dos elementos visuais que nós já aprendemos, tem linhas curvas nas montanhas, mas tem uma montanha que foi desenhada com uma linha reta!

Allane: Nela tem muitas linhas retas, verticais e horizontais. Parece ser um dia que já choveu, ou vai chover, porque não tem muita luz, parece um dia triste. Quando a gente olha, sente um pouco de tristeza, porque não tem o sol. Tem uma casinha lá no fundo, parece que ela está muito longe das outras!

Avaliação

A apresentação da turma foi muito interessante. Os alunos pesquisaram e realmente fizeram um exercício de observação e encontraram os elementos para a tarefa. Eles demonstraram uma boa observação dos elementos básicos descritos por eles.

Aula II

A artista Tarsila do Amaral e suas obras

O objetivo dessa aula era ensinar sobre as diferentes fases de Tarsila do Amaral, e também sobre as características de cada uma das fases da pintura dela, para que aprendendo sobre elas, os alunos percebessem através da observação que os artistas estão sempre desenvolvendo diferentes experiências e pesquisas, O conteúdo geral desta aula, tendo como referência os PCNs de Arte, são a observação dos elementos básicos presentes na linguagem visual e na possibilidade de que o artista através de sua produção propicie àquele que observa suas obras, diferentes formas de ver e interpretar o mundo.

Levei para a aula reproduções de obras de Tarsila: A negra, Abaporu e Antropofagia.

Perguntei se eles sabiam o que significavam os nomes das pinturas.

Expliquei sobre o nome Abaporu, que é uma palavra na língua tupi-guarani de uma tribo indígena brasileira, que significa “homem que come carne humana”. E na nossa língua portuguesa, Abaporu é o mesmo que Antropófago.

Pedi que eles prestassem atenção em cada uma das pinturas e encontrassem semelhanças entre elas. Pedi que prestassem atenção à maneira como foram pintadas, as cores e as suas combinações, os tipos e formas das linhas e traçados da pintura, as pinceladas e as texturas.

Falas dos alunos

Marina: *As pinturas são um pouco parecidas.*

Pergunto: em quais pinturas vocês podem observar semelhanças?

Pedro Henrique: *As cores são parecidas, das três pinturas!*

Pergunto: existe algum outro detalhe sem ser a semelhança das cores em alguma das três pinturas que se repete em outra?

Camila: *O desenho do sol aparece em duas pinturas: Abaporu e Antropofagia!*

Vanessa: *É Camila! Mas um sol é diferente do outro! Um parece com uma laranja, o outro parece com um kiwi!*

Camila: *É verdade! O sol se repete nos dois quadros, mas são diferentes não é?*

Pergunto: Existe mais algum outro elemento que se repete nesses dois quadros?

Rebecah. *Tem sim! O cacto do Abaporu é parecido com os do outro quadro, que tem duas figuras! O terceiro quadro!*

Ana Luiza. *Tem mais uma coisa sim! A figura do terceiro quadro, como esse quadro chama mesmo?*

Respondo: Antropofagia.

Pergunto: *E então há ainda alguma outra semelhança entre eles?*

Aluno Henrique: *tem sim! O quadro Antropofagia parece que a Tarsila pintou o Abaporu e A Negra nele.*

Aluna Marina: *no quadro A Negra, no fundo dele não tem cactos tem um monte de listas coloridas!*

Os alunos desenvolveram uma boa observação e descobriram as semelhanças e também diferenças nas obras de Tarsila. E aprenderam sobre a uma época que trouxe mudanças para a história do Brasil.

Como curiosidade, apresentei a eles algumas cópias das obras de Tarsila da fase pau-brasil e apresentei para eles o que segundo Walter Zanini em seu livro *História Geral da arte no Brasil*, Tarsila fala sobre as cores de suas pinturas dessa fase como sendo “caipiras”, mas ela não estava desprezando, ela explicou que quando ela era criança, adorava as cores de Minas Gerais, mas a ensinaram que elas eram feias e caipiras. Depois Tarsila disse que havia se vingado, colocou em suas telas todas as cores que ela adorava: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, em várias gradações mais e menos fortes, dependendo da quantidade de branco que misturava às cores. (Zanini,1983, p.557)

Avaliação

Esta aula foi muito produtiva. Os alunos demonstraram ter desenvolvido uma boa observação e pude perceber que conseguiram diferenciar as fases das pinturas de Tarsila, através das suas falas em relação aos elementos visuais presentes em cada uma delas, e também pela observação que fizeram sobre a junção das obras Abaporu e a Negra na obra Antropofagia.

Descrevendo a apresentação das paisagens tridimensionais (releituras das obras das três fases de Tarsila)

O objetivo da atividade de releitura é desenvolver uma consciência estética através do estudo de uma obra. Para tanto, procurei levar os alunos a refletirem sobre o conteúdo da obra, questionando qual era a temática da obra analisada e do que se trata a obra. Como foi o processo de construção da obra escolhida para a releitura, e se a sua execução foi rápida ou demorada, e se eles conseguiam reconhecer o Brasil de hoje, nas obras da artista e vice-versa.

Como havíamos combinado, após as reproduções de Tarsila prontas, faríamos a as releituras das suas obras da sua fase pau-brasil, chamada carinhosamente por ela de “caipiras”, e da sua fase social.

Pedi à turma, que trouxesse fotos de paisagens contemporâneas que retratassem paisagens urbanas e que revelassem e apresentassem as mudanças pelas quais estas paisagens passaram, e as diferenças apresentadas pela influência da tecnologia e do crescimento demográfico nas mesmas.

As releituras foram apresentadas em formas parecidas com maquetes e elaboradas como paisagens tridimensionais das obras de Tarsila.

Os grupos que apresentaram as formas tridimensionais das obras da fase “caipira” de Tarsila, foram muito criativos, apresentaram as releituras bem atuais das paisagens de roça e de fazendas como conhecem hoje com piscina, carros de passeio e até caminhonetes.

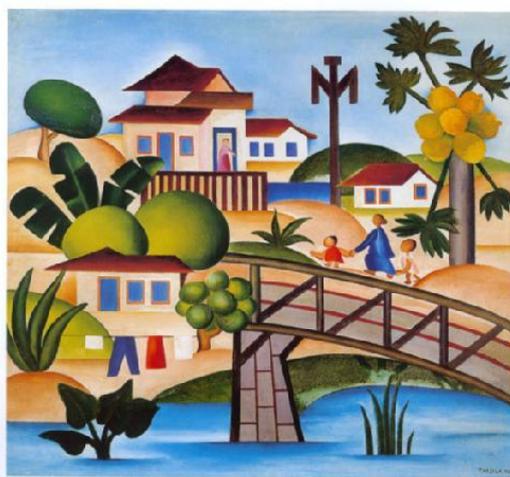
Os alunos que apresentaram as paisagens tridimensionais da fase paulista revelaram em sua apresentação, um conhecimento muito convincente sobre a exploração dos negros trazidos cativos da África, para que eles fossem escravizados no Brasil, também sobre a agricultura, o trabalho no campo, os costumes, as crenças e as diferentes classes sociais. Os alunos demonstraram que também conhecer qual era a classe dominante na época e que a riqueza, girava em torno dos proprietários das fazendas de café, de cana-de-açúcar e de criação do gado leiteiro. Demonstraram conhecer a história do Brasil retratada por Tarsila em suas obras.

Outros grupos fizeram paisagens tridimensionais da fase social de Tarsila onde são apresentadas por ela em suas pinturas, as cidades com suas torres e prédios altos e os automóveis, nas quais, Tarsila retrata a revolução industrial e as grandes transformações trazidas pela mesma. Fizemos comparações das paisagens das cidades retratadas por ela nesta fase, com paisagens pesquisadas que foram trazidas pelos alunos, e pudemos perceber que as paisagens passam por mudanças constantemente, pois o mundo não para nunca, e como ele está sempre em movimento, traz sempre consigo mudanças não somente para a vida das pessoas, mas também nas paisagens tanto rurais ou caipiras quanto nas paisagens urbanas ou sociais.

O grupo que apresentou a releitura da fase social trouxe a paisagem tridimensional de uma forma muito criativa, colocaram sobre a mesa uma caixa que estava fechada e amarrada com um laço.

Todos acharam interessante esta caixa e, ansiosos esperavam como seria a apresentação daquela releitura. O grupo desfez o laço que amarrava a caixa, e

ela foi se abrindo como um livro *pop up* (são livros, que possuem em suas páginas uma montagem que faz com que estas, quando abertas, apresentem as gravuras de forma tridimensionais). As gravuras de repente pareciam saltar da caixa: ruas com prédios, casas, automóveis, caminhões, ônibus, praças e árvores, cidade. O grupo conseguiu realizar a sua releitura de forma muito criativa e atual. E explicou que as obras de Tarsila traziam para eles a mesma sensação dos livros *pop up*. Parecia que as figuras saltavam das telas, e que o colorido vibrante os trazia a sensação de calor, do clima quente e das paisagens coloridas e variadas e do povo alegre e receptivo do nosso Brasil. A releitura ficou realmente muito interessante.



Tarsila do Amaral - O Mamoeiro – 1925

Releitura da obra da fase pau-brasil de Tarsila, transportada para a contemporaneidade trazendo consigo mudanças na paisagem que a tecnologia acrescentou, demonstrando esta realidade através de novos elementos tais como os veículos, sinais de trânsito, e área de lazer.





Tarsila do Amaral - O Pescador – 1925

Releitura da obra “Pescador” trazendo uma leitura atual, que chama a atenção para a destruição e aterro dos nossos rios, que torna impossível a

sobrevivência dos peixes e animais deste habitat, tornando impossível também ao trabalhador que vive da pesca exercer sua profissão





Tarsila do Amaral – Paisagem com figuras - 1950

Releitura da obra pelos alunos que chamou a atenção para o desmatamento que assola nossas florestas, representando a destruição que hoje se vê em muitos lugares.



São Paulo [1924], de Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral – São Paulo - 1924

Releitura da obra São Paulo de Tarsila, apresentada em forma de uma caixa surpresa, remetendo todo o crescimento e a diversidade cultural de São Paulo, como se a cidade de São Paulo fosse realmente uma caixa de surpresas,

quando de um para para noite aparecem grandes construções, como num passe de magia, trazidos pela tecnologia, que permite belas surpresas no dia a dia de uma grande metrópole.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho que se pautou em um estudo sobre a Semana de 22 no Brasil, a partir das obras de Tarsila do Amaral com uma turma do 5º ano, pude perceber que os alunos aprenderam conceitos da teoria da arte. A partir desta experiência foram capazes de identificar e entender as questões existentes no campo visual referentes à observação dos elementos básicos principais presentes na linguagem visual que são: o ponto, a linha e o plano, e em suas articulações nas imagens produzidas e relações entre textura, volume, luz, forma e fundo, movimento e equilíbrio.

Através do estudo de observação dos elementos básicos, pude levá-los ao reconhecimento dos elementos da linguagem visual na apresentação, na expressão e comunicação através das imagens produzidas pelo desenho e a pintura. Também foram capazes de perceber as diferentes formas de produções dos artistas, e que existem contextos históricos diferentes e épocas também diferentes. Demonstraram capacidade de expressar seus conhecimentos sobre as obras e artistas modernistas e em especial sobre Tarsila do Amaral. Através de suas releituras das pinturas de Tarsila por meio das paisagens tridimensionais, percebi que os alunos foram capazes de confrontar diferentes contextos de épocas diferenciadas e ainda foram capazes de trazer críticas à sociedade.

Os alunos demonstraram consciência de que as imagens nas Artes Visuais têm significação tanto para quem as cria, quanto para aquele que as lê ou contempla. Enfim foram capazes de criar, produzir e respeitar obras de arte consagradas e também suas próprias produções e as dos colegas, compreendendo a existências de diferentes gostos estéticos.

Senti-me realizada como arte-educadora, pois pude perceber durante todas as fases do projeto através das produções artísticas dos meus alunos e das falas dos mesmos, os conhecimentos e aprendizados adquiridos por eles durante o processo de desenvolvimento dos estudos propostos no presente trabalho, e por conseguir realizar na minha prática em sala de aula, o que pretendia desenvolver e defender no meu estudo sobre o ensino das Artes Visuais como área de conhecimento.

Durante a realização do curso, pude aprender e apreender conhecimentos relevantes para o exercício da profissão de arte/educadora. Vários e incontáveis foram os aprendizados, porém gostaria de destacar um desses, que muito me chamou atenção: foi que o ato de interpretar uma obra não é algo subjetivo, pelo contrário, é necessário que aquele que interpreta, possua um embasamento forjado em conhecimentos que envolvem o contexto histórico e social, para que se consiga avaliar criticamente todos os movimentos e atividades artísticas que envolvem tanto uma só pessoa, quanto os que envolvem um maior número delas.

Os estudos sobre a Arte mostram que uma obra além de ser compreendida ela precisa ser experienciada de forma estética.

Certamente não somente esses, mas todos os conhecimentos por mim adquiridos durante essa especialização em Artes Visuais trarão desdobramentos positivos e enriquecedores à minha prática enquanto arte-educadora.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. C. *Arte Moderna*. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.
- AZEVEDO, F. A. G. de. *Movimentos Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa*. São Paulo, 2000.
- BARBOSA, A. M. *Arte-Educação no Brasil*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1978.
- _____. Et al. *Da exposição à sala de aula*. Editora USP, São Paulo, 2006.
- _____. (org.) *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*, São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- _____. *Tópicos Utópicos*, Editora Arte, Belo Horizonte, 1998.
- _____. *Arte-educação no Brasil: Das Origens ao Modernismo*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1978.
- BARBOSA, Rui. *A reforma do Ensino Primário*. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1947.
- BARBOSA, Rui. *A reforma do Ensino Primário*. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1882.
- BIASOLI, Carmem. L. A. *A formação do professor de Arte: Do ensaio à encenação*. Campinas, Papyrus, 1999.
- BORGES, Abílio C. P. *Geometria Popular*. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1959.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DUQUE, Gonzaga. *Contemporâneos*. Tip. Benedicto de Souza, Rio de Janeiro, 1929.
- ITAÚ Cultural, Enciclopédia. *Modernismo no Brasil*. Disponível em:< http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=359>. Acesso em 15 de junho 2010
- FERREIRA, Félix. *Do Ensino Profissional: Liceu de Artes e Ofícios*. Rio de Janeiro, 1876.
- MAGRO, A; MARTINS,M,R. *A cidade que mora em mim*. Vitória – ES, 2009.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividades e Processos de Criação*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1977.

WEISZ, T; SANCHES,A. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ZANINI, W. *História Geral da arte no Brasil*. Instituto Walter Moreira São Paulo, 1983.

ANEXOS



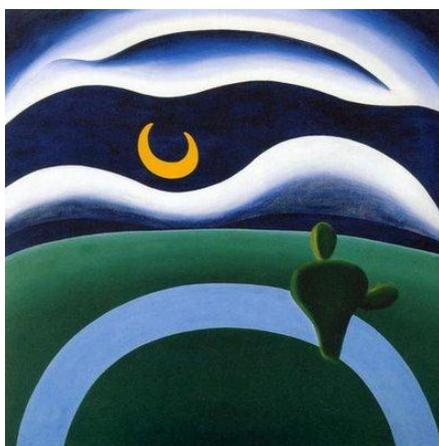
Di Cavalcante - Convite para a Semana de Arte Moderna no Brasil



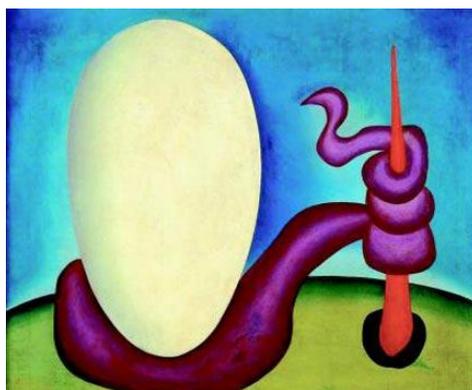
Tarsila do Amaral - Abaporu-1928



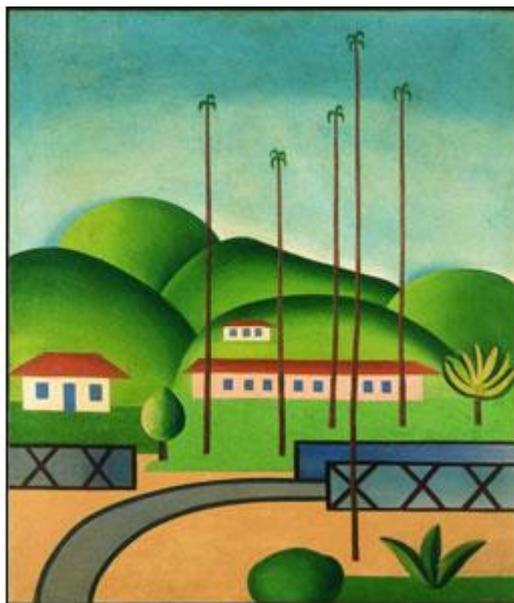
Tarsila do Amaral- Antropofagia – 1929



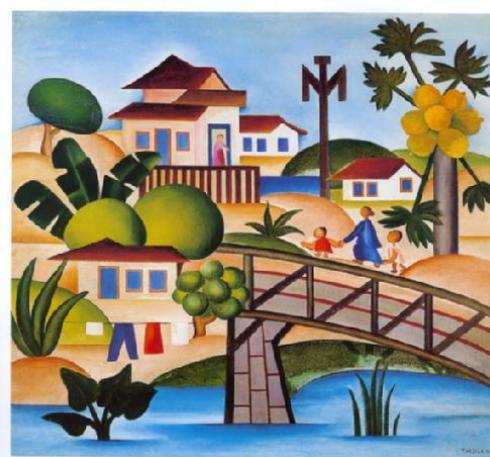
Tarsila do Amaral- A Lua – 1928



Tarsila do Amaral-O Ovo (Urutu) – 1928



Tarsila do Amaral - Palmeiras – 1925



Tarsila do Amaral - O Mamoeiro – 1925



Tarsila do Amaral - Paisagem com o touro - 1925

Produções efetuadas pelos alunos

